

Medusa – função feminina

Conter, mediar, intuir e proteger¹

Cleuza Mara Lourenço Perrini,² Curitiba

Resumo: “Os povos mais antigos localizavam a alma, vitalidade, poder e um demônio ou gênio (espírito divino), na cabeça” (Martins, 2012, p. 340). Só recentemente, na era científica, a cabeça passou a representar a razão. A cabeça, símbolo de poder e força, atributos comumente considerados masculinos, é apresentada neste trabalho como possível elemento da função feminina, independentemente do gênero, sob o vértice da contenção, mediação, intuição e proteção. Para tanto, a autora se vale do mito da Medusa para fazer o reconhecimento, ampliação e apreensão desses elementos, com base nessa figura mítica, monstro feminino de olhar terrível, que transformava em pedra quem a mirasse. Encontra significados no material clínico apresentado e aponta o mistério e a ambiguidade vividos pelo homem e pela mulher, ao encarar o feminino em si mesmo.

Palavras-chave: contenção, intuição, mediação, proteção, função feminina

Antes do mito propriamente dito, a Medusa sempre me atraiu, como figura estética. No entanto, o que encontrava como seu significado, de petrificar quem a fixasse com o olhar, me provocava afastamento e recusa. Atribuo esta repulsa ao fato de não assimilar o que dela se dizia e preferir permanecer com o que ela me evocava, instigando-me por fim a “encarar” o meu genuíno interesse, com menos temor de me petrificar. O intuito de romper esse pacto mortífero, por meio do enfrentamento, buscou preservar o embrião da reciprocidade estética a fim de possibilitar sua ressignificação (Sapienza, 2006).

Começo com Perseu, que foi convocado para decapitar Medusa com a ajuda dos espíritos de Hermes e Athena, que lhe forneceram os meios

1 Trabalho apresentado em reunião científica na SBPSP em junho de 2017 e no Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC) em agosto de 2017.

2 Membro efetivo e docente da SBPSP. Membro fundador efetivo, docente com função didática do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).

necessários para cumprir a promessa. Athena lhe ofereceu um escudo semelhante a um espelho, e o aconselhou a não olhar a Medusa de frente, pois seria petrificado imediatamente; o olhar devia ser indireto, mediado pelo escudo, onde visualizava sua imagem. Hermes lhe dá sandálias aladas e uma espada.

Medusa era a única mortal das três Górgonas, “demônio-feminino de olhar terrível” (Brandão, 1997, p. 470). Seus olhos flamejantes e o olhar penetrante eram espantosos e temidos não só pelos homens, mas também pelos deuses. Vale apontar que, em momento anterior da narrativa, o mito contempla o fato de que Poseidôn, fascinado que estava pela beleza de Medusa, violou-a dentro do templo de Athena, e a engravida. Indignada pela profanação do seu santuário, Athena pune a concorrente transformando-a em Górgona. Este ato culmina por encerrar os filhos concebidos com Poseidôn dentro dela.

Para realizar a tarefa que lhe cabia, Perseu pairou acima dos três monstros, que dormiam, e, sem olhá-la diretamente, refletiu a cabeça de Medusa no escudo, conseguindo decapitá-la. De seu pescoço ensanguentado saíram os dois filhos: o cavalo Pégaso e o gigante Crisaor. O sangue que escorreu do pescoço do monstro foi recolhido pelo herói, pois este sangue tinha propriedades mágicas: o que correu da veia esquerda era um veneno mortal, instantâneo; o da veia direita era um remédio salutar, capaz de resuscitar os mortos.

Ao retornar vitorioso, Perseu devolveu as sandálias aladas, o alforje e o capacete a Hermes e a cabeça de Medusa a Athena, que a colocou no centro de seu escudo.

Algumas reflexões com base na clínica

Tamara chegou como quem chega do nada. De compleição física de impor respeito, se escondia encurvada no próprio corpo. Lentificada no andar e na fala, apresentou-se como “deprimida”. Jovem senhora com feição circunspecta, olhar assustado, cabelo escorrido e ralo grudado na cabeça, evocava em mim repulsa, e interesse! Disse que tinha se casado bem jovem, que tinha dois filhos, “que já haviam saído de casa”, e que ela “não saía de casa pra nada”. Quando mencionou seu casamento, disse que tinha tido uma “grande decepção!”. Tinha feito terapia por um bom tempo, mas faltava muito, até que recebeu um recado da terapeuta dizendo para não ir

mais: “mas eu ia continuar!” (demonstrando ter-se sentido rejeitada). Sua feição denotava uma desistência antiga da vida, parecia uma “morta/viva”, sem, no entanto, deixar de transparecer uma vivacidade contida. Pensei: mulher instigante, repulsiva e... interessante! Que enigma continha Tamara que me aproximava do mito da Medusa?

Começamos a análise com ela chegando costumeiramente atrasada: “Não sei calcular o tempo e não sei escolher nem a roupa que vou usar... sou muito indecisa... Fui diagnosticada com ‘déficit de atenção!’”. Isso em mim causou surpresa, uma vez que não a sentia desatenta nem distraída. Pelo contrário, não confundia os nossos horários, diferentes a cada dia da semana, nem as datas de pagamento. Demonstrava-se até mesmo “ligada” e cuidadosa com nossos combinados referentes às suas faltas, em função das crises, motivadas pela esclerose múltipla, que a acometiam. Apontei isso a ela, que de pronto se surpreendeu, arregalando o olho, e, com ar entre descrente e esperançoso, disse: “sempre acreditei no meu déficit!”.

Em uma dessas esperas, por causa de seu atraso, constatei que dificilmente Tamara dava sinal de sua chegada (sinal de vida!), tal seu silêncio no andar, no cuidado com a porta da entrada, indo calmamente ao bebedouro encher um copo de água, antes de entrar na sala já aberta. Nesse dia, a sessão se desenrolava morna, com ela se queixando de seu “mal-estar” e de que as “coisas não caminhavam”. Em um determinado momento, vindo em minha mente o descrito acima, digo:

A – Você acha que sua presença não é notada, que você não faz diferença nenhuma e que passa despercebida...

Após alguns instantes diz, como que demonstrando sentir ter sido pega em flagrante:

T – Sempre achei que passava despercebida na minha casa... na minha infância toda. Que não era vista!

Nessa hora lembro que ela e a irmã, que morreu bebê, tinham o mesmo apelido e, após um período de silêncio, digo:

A – Então quem aparecia era a Samara, e não a Tamara! (Penso: ela seria o monstro... que matou a irmã? Assim ela não pode viver e passa despercebida para não mais matar?)

T – (Fala como que apontando algo óbvio) Só existo porque ela morreu! Depois que fiz as contas, vi que, se ela não tivesse morrido, eu não teria nascido...

Silêncio.

A – *Assim você dá a sua vida pra ela viver...*

Longo silêncio.

T – *Sempre pensei que atrapalhei minha mãe com meu nascimento, e ela me confirmou isso... Ela disse que eu nasci muito parecida com a Mara... e que pensou que ela tivesse ressuscitado...*

A – *Mara... Você também é chamada de Mara. Só que você é Tamara, e não Samara!*

Depois de um tempo que me pareceu de uma reflexão profunda, diz:

T – *Como podia ser ela?... Agora não sei nem ser eu mesma... E vai dar para saber? Ainda dá tempo?*

Medusa e Athena

Etimologicamente, “Médusa está presa à raiz indo-europeia *med*, que, em outras línguas aparece com significações diversas: no latim *modus*, ‘medida, moderação’, *meditari*, “refletir, meditar”. Por vezes, o radical *med*, que originou o nome grego Médusa, significa “assumir com autoridade as medidas apropriadas” (Brandão, 1997, p. 470).

Athena tem como primeiro elemento em seu nome *Ath*, “mãe”, e o segundo elemento é uma forma grega, *na-awaiã*, com o sentido igualmente de “mãe”. Sendo assim, Athena seria uma “Grande mãe” (Brandão, 1997, p. 136). Sua bravura é calma e refletida. Antes de tudo, ela é guardiã e “Protetora”. Deusa guerreira, essa grande mãe é ainda a deusa da inteligência, da razão, do equilíbrio, do espírito criativo, e, como tal, guarda as artes, a literatura e a filosofia, e toda e qualquer atividade de espírito. Deusa da paz, é boa conselheira, garantindo a justiça.



Busto de Medusa esculpido por
Gian Lorenzo Bernini.
Museu do Vaticano.

Foto da autora, em abril de 2015.

Aproximações da clínica com o mito

A experiência vivida da alteridade, do outro, dos outros em nós, é no divã que a fazemos, dia após dia, nessa reminiscência do íntimo estranho que é o Unheimlich. Os limites do nosso “eu” não estão mais demarcados, tampouco o estão as fronteiras entre o fora e o dentro, que separam os mortos dos vivos. (Pontalis; Mango, 2013, p. 89)

Os mitos nos ajudam a entender as relações intra e intersubjetivas humanas e guardam em si a chave para o entendimento do mundo mental. A mitologia grega, repleta de lendas e contos sobre deuses, deusas, batalhas heroicas e jornadas no mundo subterrâneo, revela-nos a mente humana e seus meandros multifacetados. Personagens como Athenas, Perseu e Medusa podem vir em nosso auxílio para nos aproximar do desenrolar diante do entranhamento que sugere ser um mito pessoal (Bion, 1963/2004), como o de Tamara. Bem como do estranhamento dos limites e fronteiras entre “o fora e o dentro que separam os vivos e os mortos”, como sugere Pontalis na epígrafe.

Como esses personagens míticos se aproximam de Tamara? Qual a sua maldição? Ter sobrevivido, diferentemente da irmã? Condenada a uma verdade inexorável segundo a qual ou cura ou envenena? Que não poderia viver nem ser Tamara, sem condições de conter em si o mistério da vida, a não ser para confirmar seus desígnios de morta/viva?

Como no modelo do escudo refletor, fui trabalhando “indiretamente” sobre os monstros alucinados de Tamara, considerados reais por ela, recorrendo às representações dentro da experiência emocional vivida com ela, dos objetos “refletidos” em sua mente. Tamara construiu um modelo de vida atrelado à morte – “vegetando” –, em nome da irmã sem vida. Ao mesmo tempo em que se sentia “venenosa” por ter usurpado seu espaço, era a salvadora da irmã – “sendo ela” –, dando-lhe vida. Esses monstros alucinados enclausuravam Tamara e constantemente ficavam expressos nas crises de dor sentidas no corpo, que a “paralisava”.

Para “realizar”, conforme Bion (1963/2004), a transformação de uma preconcepção em um fenômeno mental acessível, a empreitada pode ser digna de uma batalha mitológica. Se considerarmos que a Medusa pode significar aquilo que paralisa, se este for enfrentado, pode, posteriormente, transformar vivências terríficas em um continente protetor? E conter em

si pensamentos contidos (fertilidade)? “O primeiro ‘escudo’ mental disponível para o bebê é a mãe, que o protege continuamente da força da experiência através da sua própria atividade psíquica” (Likierman, 1994, p. 294). O mito sugere que a busca de um modelo para transformar uma vivência persecutória remonta a emoções primeiras, pré e pós-natais, e pode aqui sugerir o pavor daquela que dá a vida e igualmente pode tirá-la. Urge assim desmitificar o mito internalizado. Tamara sugere emoções de impotência diante da potência mortífera da mãe e dela mesma, diante dos mistérios da vida e da morte. Quem deu à luz Samara, a tirou? É a mesma que deu à luz Tamara e pode tirá-la?

Se olhar a Medusa sugere ser a visão horrorizada dos genitais da mãe (Freud, 1922/2011), associada no mito a degola e morte, penso que é pertinente contemplar o inexorável “trauma do nascimento” (Freud, 1924/2011). É o nascimento que inaugura a passagem de um mundo contido, aquoso (de filtragem e nutrição) e movimentos restritos, para um mundo aéreo (de respiração e digestão), com movimentos amplos e conseqüente desamparo. Localizo também em Freud (1923/2012) o registro de que a vagina é “estimada como abrigo do pênis” (p. 175), o qual, portanto, necessita de continência. Assim, a decapitação da Medusa pode passar a ser potência e vida, alma e vitalidade, na medida em que daí nasce o cavalo alado Pégaso, símbolo da liberdade, e o gigante Crisaor, com uma espada de ouro. O que morre quando uma mãe dá à luz? Tamara aspirava a uma vida ímpar, sem irmãos (tinha seis!), silenciosa de existência, para não se dar conta de sua incompletude e desamparo diante de um casal criativo. Esta hipótese me ocorre por Tamara “viver” sob a sombra da irmã morta, sugerindo autosuficiência. O “bastar-se” (puro desamparo!), ela me passava subliminarmente, não só pela sua chegada “sem presença”, já que não “precisava estar ali”, como não “precisava” estar na família, já que era sua irmã que estaria viva por meio dela.

Se a Medusa, aqui sugerida como representante do feminino, ficasse ressentida e olhando só para trás, se queixaria de ser a única mortal das três irmãs Górgonas. Registraria sua decapitação como castração genital, portadora de fatal impotência. Ao não castrar o casal “pré-concebido” interno, aceitando sua fertilidade, pode abrir possibilidades de realizar a pré-concepção edípica (Bion, 1962/1966;1963/2004) de um casal interno. A Medusa assim possibilita a expansão de sua potência até então recolhida, aceita a potência de Poseidôn e dá à luz os filhos.

Tamara chega não percebendo sua potência como vivente e, assim, não aceita a potência do casal parental misturando-se com sua irmã morta. Uma “viva/morta”, como captei em nosso primeiro encontro!

Tamara identificou-se com o veneno mortífero da mãe que deu a vida a Samara e a “tirou”. Por estar impossibilitada de lidar com o objeto total materno, identificou-se com a morte, e não com o milagre da vida, não com um casal produtivo que cria mais uma vida, a sua.

Encarar o feminino

Encarar não quer dizer enfrentamento e/ou destituição. Se o útero, misterioso espaço secreto, aguarda, encarar pode ser acolher. Se acolher é elemento da função feminina, o útero-continente acolhe a vida mental (conteúdo) em um continente protetor para delimitar e mediar os estados de mente. A função analítica quando assim se procede permite que estados mentais saturados, vividos na relação, possam fazer a passagem do estado físico para o mental. Esta, permeada pela intuição, possibilita a existência de um manancial em que a experiência, até então exclusivamente sensorial, passe a adquirir uma qualidade psíquica através da experiência emocional partilhada.

Com o andamento do trabalho analítico, Tamara chega diferente:

T – Ontem foi aniversário do meu casamento. Nunca mais falamos nessa data... fico sempre esperando que meu marido se manifeste... (silêncio), mas desta vez não esperei, e ele disse que estava lembrando desde cedo. Me abraçou e disse: “Não sei viver sem você”. Aproveitamos (dando pouca ênfase) e saímos para jantar.

A – Aproveitaram? Você paga para não sair de casa, enfurnada com seus terrores, esperando... esperando... até ele te trazer comida comprada pronta... (Há muito ela deixou de cozinhar, e disse que antes apreciava muito fazê-lo.)

T – É que ele tinha que levar uma placa de computador para um cliente... sugeri então comermos comida japonesa, de que ele gosta muito. Fomos no NAKABA... Ele comeu muito, e há muito eu não tinha tanta satisfação de comer!

A – Um amor que não se AKABA!

T – (rindo) Ele diz que, sendo um italiano glutão, gosta de ir lá porque a comida “NUNKAKABA”! (ri, levantando o rosto pleno de satisfação). E completa: Dormimos juntos essa noite! (Dormiam em quartos separados desde que os filhos saíram de casa.)

Recordo, nesse momento, que ela havia me confidenciado, assim mesmo como um segredo que ela tinha para consigo mesma, que “tudo” havia degringolado quando ele, uns anos atrás, havia lhe dito que tinha perdido todo o interesse por ela e que havia se apaixonado (“amor platônico”) por outra mulher. E que tal declaração tinha sido uma “grande decepção”. Mostrando para mim a sua ferida, disse: “aí ... murchei”! Tamara, abalada, revive nesse momento conjugal o sentimento familiar de ser novamente “trocada”. “Substituída.” “Rejeitada.” Foi assim que Tamara me passou sua emoção.

A ferida

Às vezes, penso: no fundo tenho medo de mulher. E você não tem? Tem, bem que eu sei. As ideias delas nascem num lugar que está fora do pensamento. Daí vem nosso medo: nós não deciframos o entendimento das mulheres. Suas superioridades nos medonham, mano. Por isso, as concebemos em tratos de batalha, versadas adversárias.
(Couto, 2012, p. 99)

A parte feminina ficou projetada na mulher, integrante tanto no homem quanto na mulher (Perrini, 2015), em prejuízo (pré-juízo) do humano, denominado por Freud de “continente negro”. O feminino assombra o humano em função de sua abertura que intermedia o interno e temido desconhecido por meio da sensibilidade, contenção e intuição. Sugiro encarar em nós o lado serpente, presente nos cabelos da Medusa, “símbolo da sabedoria intuitiva e da vigilância protetora” (Brandão, 1997, p. 140). A conotação pejorativa dada à serpente (cobra) sugere aspectos repudiados que a função feminina encerra, como a intuição, que muitas vezes é encarada como “coisa de bruxa”.

O primeiro e natural movimento é a mulher ser vista como castrada. Ao se castrar o feminino no humano se perde a mediação que permeia nossa incompletude. A ferida pode ser narcísica por não nos bastarmos. O

deslocamento da ferida³ ficou no corte (fenda = *gap*), sem cicatrização, quando assim concebida, como a ameaçadora e misteriosa Medusa e como Tamara ao deparar com o desamparo.

Suportar, dar amparo ao *gap*, contribui para transformá-lo em escudo protetor, ponte para o potencial continente passível de conteúdos criativos. O escudo protetor (função feminina), representado pela horrorosa cabeça da Medusa, passa a fazer parte de Athena, não é um acessório. A criação, o belo, o horror (sem juízo de valor), não vem para suprir uma falta, ela é expressão do SER. Com semelhança, Tamara timidamente vai inaugurando a passagem do útero disforme, murcho, improdutivo (parte de seu mito individual), para um continente com medida apropriada (sua própria), promotor de possíveis encontros férteis.

Função feminina: conter, intuir, mediar, proteger

A emoção do sublime – a terrível beleza, o horror que se torna pensável pela arte – consiste, afinal, no sujeito colocar distância adequada entre ele e o objeto fascinante e assustador. (Civitarese, 2014, p. 153)

Encarar o desconhecido escuro, misterioso, que contém o segredo e o sagrado, unidos na intimidade, pode revelar “tanto seus riscos quanto sua vitalidade” (Clément; Kristeva, 2001, p. 219). E esse pode ser o belo, como presente na citação de Civitarese, de terrível beleza e de horror, que pode tornar-se pensável, e liberar o acesso com mais fé⁴ à parte mais inacessível para o ser humano – o feminino. Como Schiller preconiza, citado por Pontalis e Mango (2013), “o Bem e a Verdade existem de maneira latente no Belo” (p. 70). Podemos ter, como ilustração, a dimensão desse encontro na descrição vivida por Ada Morgenstern diante da escultura de Perseu e Medusa, de Camille Claudel:

3 “Os vocabulários gregos e latinos de todos os níveis, do estilo da tragédia ao da farsa, comparam o ato sexual a uma ferida” (Pontalis, 2005, p. 116).

4 “A mulher é mais vulnerável ao diabo do que o homem. Porque ela é mais carnal; porque, saída de uma costela de Adão, ela é ‘torta’. E também porque a etimologia da palavra *femina* vem de *fe* e *minus*, o que significa, evidentemente, que a mulher tem menos fé do que o homem” (Clément; Kristeva, 2001, p. 161).

Teria sido o encontro do meu olhar com Perseu e Medusa o espelho refletindo meu duplo? O reflexo do meu próprio estranhamento diante dessa alteridade radical que mal posso reconhecer? Seria o encontro com o feminino em sua expressão mais bruta? ... na densidade de sua tessitura, carrega os horrores de um medo primordial. Medo daquilo que nos lança à condição de incompletude e de solidão, medo da desordem e do informe. Medo dos destinos da paixão. (Morgenstern, 2009, p. 205)

As primeiras experiências humanas são sensoriais, são sensações, portanto são experiências estéticas,⁵ que, investidas pelos eventos da vida, juntamente com as características pessoais, criam uma vida interna, uma vida mental. A estética, que quer dizer sensação, não tem compromisso com desenvolvimento psicológico nem com maturidade. A Medusa retrata bem esse movimento. A expressão estética dela pode vir a ser a reintegração de partes cindidas e projetadas, sem intenção, apenas busca; tendo compromisso unicamente com a forma, e não com o conteúdo. Não é, portanto, explicativa. E, muito mais do que relacionar estados de mente, permite criar uma vida interna, uma vida de fantasia com símbolos, matéria-prima para as representações mentais, expressa pela criação artística. É a representante da própria vivência de ser humano, vivo. São experiências pessoais que adquirem um significado pessoal e que, associando esteticamente, abrem caminho para desvendar, bem como para criar, uma vida interna (Perrini, 2017).

Observo na sequência que Tamara chega contando que ela e o marido voltaram a dormir em quartos separados, e que foi acometida por febres esporádicas, sem causa específica. Seu olhar que se tornara vivo, seus cabelos que se avolumaram e passaram a ter “corte” encontravam-se grudados no couro cabeludo, causando um impacto estético, anunciando sua ruína, acessível aos olhos. Com olhar distante, acabrunhada, me evoca perguntas:

Que terrores rondam sua mente?

Nova crise “esclerótica” (como a nominava) a ameaça... Ameaça o quê?

Ativam-se áreas traumáticas da mente de rejeição e abandono?

Que calores “malignos” a rondam? Que vulcão adormecido eclode?

Diante desse terror em que Tamara me convida a entrar, sou acometida por uma canção que me invade. Não sinto ainda movimento suficiente

5 “A primeira experiência estética se baseia na sensação, laço este reforçado linguisticamente, pois a palavra ‘estética’ se deriva da palavra grega que significa ‘sensação’” (Likierman, 1994, p. 280).

para me ater a ela e num segundo momento de filtragem, dando-me conta da letra, percebo que todo aquele seu encolhimento não fazia me afastar dela. Ele continha uma abertura, um gap, uma possibilidade, portanto um interior em construção. Decido então cantarolar a música para ela:

Você é meu caminho

Meu vinho

Meu vício

Desde o início

Estava você...

Meu bálsamo benigno

Meu signo

Meu guru

Porto seguro

Onde eu voltei.

Meu mar

E minha mãe

Meu medo

E meu champanhe...

Visão

Do espaço sideral

Onde o que eu sou

Se afoga!

Meu fumo e minha ioga

Você é minha droga

Paixão e carnaval...

Meu Zen!

Meu bem!

Meu Mal!...

(Velo, 1982)

Atenta e reflexiva, fecha os olhos evocando-me Mia Couto (2012): “O adivinho cerrava os seus próprios olhos: se concentrava, todo dentro das pálpebras, até abraçar com seu escuro o escuro do outro” (p. 137). E repete pausadamente como para não perder o apreendido:

T – Meu bem... Meu zen... Meu mal...

E, como que vindo de um despertar, acrescenta:

T – Ah!... O médico orientou o meu marido a não dar nenhuma droga para a minha febre. Disse para observar...

Silêncio... e completa:

T – Ela tem cedido...

Nessa sessão, Tamara me aponta o horror e o fascínio, expressos pela música que emergiu em mim, fruto de nosso encontro: a incompletude e a solidão do seu escuro, com o meu. Saímos juntas das verdades incontestáveis para construir o continente e abrigar conteúdos, o símbolo e o simbolizado a caminho do pensar. Esta comunicação, quando bem-sucedida, abre possibilidade para o pensar, “observar”, formando o protótipo dos pensamentos e, conseqüentemente, do aparelho para pensá-los (Bion 1962/1966). Bion nomeou esse movimento de relação continente-contido, propiciador e essencial para a manutenção das relações, como da vivência na relação analítica. Essa passagem de simples conteúdos para uma relação vincular parece ser o embrião do pensar, quando há o acasalamento do feminino (♀) com o masculino (♂) na mente (Bion, 1962/1996; 1963/2004).

“A febre tem cedido” ... Assim ela me comunica. Cede para sair do mundo alucinado, paradisíaco e narcísico, que petrifica o interior, para o relacional, em andamento (que contém o bem... o zen... e o mal), transformando-o em um escudo feminino ativo em formação. Ao ser nominado o seu lugar no mundo, ganhou em permanência no trabalho analítico, contrapondo o seu mito individual e familiar de ocupação indébita. O lugar que acreditava ser da irmã Samara passa a ser seu. Ocupa o seu espaço, até então vago, “com autoridade”, dentro de uma “medida apropriada”, a sua própria.

Considerações finais

Olhar a Medusa em nós provoca uma tensão criativa semelhante ao “Conhece-te a ti mesmo”, assim como a Esfinge que exigia de cada forasteiro

o desvendar de seu enigma para não o devorar. Athena adota a cabeça feminina da Medusa como escudo, a meu ver, passando assim a reconhecer sua ascendência materna, sua mãe Métis, acolhendo-a como protetora, e aceitando assim sua função feminina ativa, mesmo que ela tenha nascido da cabeça do seu pai Zeus, que tinha engolido sua mãe antes de ela nascer (Guimarães, 1983). “Os povos mais antigos localizavam a alma, vitalidade, poder e um demônio ou gênio (espírito divino), na cabeça” (Martins, 2012, p. 340). Só recentemente, na era científica, a cabeça passou a representar a razão. Assim, a cabeça, símbolo de poder e força, atributos comumente considerados masculinos, é apresentada neste trabalho como possível elemento da função feminina, independentemente do gênero, sob o vértice da contenção, mediação, intuição e proteção.

Freud (1923/2012) assinala que a deusa Athena se torna “inabordável” (p. 174) por afastar “qualquer pensamento de aproximação sexual”, ao levar como escudo a cabeça da Medusa. Reflito que Athena “afasta os homens das cerimônias sagradas e dos mistérios reservados às mulheres” (Brandão, 1997), e, mais do que impedir penetrações, as intermedia. Não é porque o continente-útero tem uma abertura que ele é automaticamente penetrável, mesmo sendo abrigo natural para o pênis. O feminino, ao ser parte atuante nessa aproximação – ao contrário de submisso –, sugere que o mediar venha a favorecer esse encontro, indicando em si a possibilidade da permissão receptiva consentida. A Medusa aceita ser “herdeira do ventre materno” (p. 175), dispondo-se a ser continente (função feminina) da vida, ao compor com Athena um escudo-limite com função de mediar, conter e proteger.

Se o mito pode representar o humano, ciente estou de que a dimensão escolhida não exclui as demais, e, por ser mais ampla e extensa, me convida a privilegiar o enfoque proposto. Consciente da complexidade do fenômeno apontado e de meu alcance atual, espero que a troca, que a escrita sugere, lance luzes novas para que possamos, com esse estímulo, fazer transformações criativas.

Encarar a Medusa, a função feminina em nós na medida apropriada (própria), é conhecer-se através do confronto estético que ela irradia, preservando o embrião da reciprocidade a fim de possibilitar sua resignificação. Como tão bem descrito por Freud (1919/2010), o *Unheimlich* (inquietante estranheza) é na realidade algo familiar que se tornou estranho (*heimlich* – proteção, intimidade), vivido ambivalentemente como um “íntimo estranho” (Pontalis; Mango, 2013).

A possibilidade que a mente pode ter de compreender, modificar e conter as complexas identificações projetivas e introjetivas depende da qualidade da reciprocidade estética com o objeto inquietante. O que um dia foi uma mente por se desenvolver, cujo desabrochar foi prejudicado (ou impedido) pelos desastres psíquicos transformados em áreas traumáticas, ruínas a serem escavadas e restauradas, pode ser trazido como um modelo de abertura interna ao desconhecido investigado. Dessa forma, atribuo ao inicial embate estético vivido com a Medusa, bem como ao encontro analítico com Tamara, como o “rejeitado” feminino continente que foi encarado e acolhido através de transformações criativas subjacentes ao segredo e ao sagrado continente – mediado pela intuição, com proteção e contenção, fatores da função feminina da mente.

Medusa – función feminina: contener, mediar, intuir y proteger

Resumen: “Los pueblos más antiguos ubicaron el alma, la vitalidad, el poder y un demonio o genio (espíritu divino), en la cabeza” (Martins, 2012, p. 340). Recientemente, en la era científica, la cabeza llegó a representar la razón. Así, la cabeza, un símbolo de poder y fuerza, atributos comúnmente considerados masculinos, se presenta en este trabajo como un posible elemento de la función femenina, independientemente del género, bajo el vértice de la contención, la mediación, la intuición y la protección. Con este fin, el autor utiliza el mito de la Medusa para reconocer, expandir y aprehender estos elementos, basándose en esta figura mítica, una monstruosa hembra de aspecto terrible que transformó la piedra en vista. Encuentra significados en el material clínico presentado y señala el misterio y la ambigüedad experimentados por hombres y mujeres cuando se enfrentan a lo femenino en sí mismo.

Palabras clave: contención, intuición, mediación, protección, función femenina

Medusa – female function: contain, mediate, intuit and protect

Abstract: “The oldest peoples located the soul, vitality, power and a demon or genius (divine spirit), in the head” (Martins, 2012, p. 340). Only recently, in the scientific age, did the head come to represent reason. Thus, the head, a symbol of power and strength, attributes commonly considered masculine, is presented in this work as a possible element of the female function, regardless of gender, under the vertex of containment, mediation, intuition and protection. To this end, the author makes use of the Medusa myth to

recognize, expand and apprehend these elements, based on this mythical figure, a terrible-looking female monster who transformed stone into sight. It finds meanings in the clinical material presented and points out the mystery and ambiguity experienced by men and women, when facing the feminine in itself.

Keywords: containment, intuition, mediation, protection, female function

Méduse – fonction femelle: contenir, servir de médiateur, pressentir et protéger

Résumé : « Les peuples les plus âgés ont localisé l'âme, la vitalité, le pouvoir et un démon ou génie (esprit divin), dans la tête » (Martins, 2012, p. 340). Ce n'est que récemment, à l'ère scientifique, que la tête est venue représenter la raison. Ainsi, la tête, symbole de puissance et de force, attributs communément considérés comme masculins, est présentée dans cet ouvrage comme un élément possible de la fonction féminine, sans distinction de sexe, sous le sommet de l'endiguement, de la médiation, de l'intuition et de la protection. À cette fin, l'auteur utilise le mythe de la Méduse pour reconnaître, développer et appréhender ces éléments, sur la base de cette figure mythique, un monstre féminin à l'air terrible qui a transformé la pierre en vue. Il trouve des significations dans le matériel clinique présenté et souligne le mystère et l'ambiguïté vécus par les hommes et les femmes face au féminin en soi.

Mots-clés : confinement, intuition, médiation, protection, fonction féminine

Referências

- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise*. (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Brandão, J. (1997). *Dicionário mítico-etimológico*. (3. ed.). Vol. 1-2. Vozes.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *A sexualidade feminina*. (P. C. Ramos, Trad.). Vozes.
- Civitarese, G. (2014). Bion e o sublime: as origens de um paradigma estético. *Livro Anual de Psicanálise*, 30(1), 147-173. Escuta.
- Clément, C.; Kristeva, J. (2001). *O feminino e o sagrado*. (R. Gutiérrez, Trad.). Rocco.
- Couto, M. (2012). *Estórias abensonhadas*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas*. (P. C. Souza, Trad. Vol. 14, pp. 328-376). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2011). A cabeça de Medusa. In S. Freud, *Obras completas*. (P. C. Souza, Trad. Vol. 15, pp. 326-328). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1922)

- Freud, S. (2011). A dissolução do Complexo de Édipo. In S. Freud, *Obras completas*. (P. C. Souza, Trad. Vol. 16, pp. 203-213). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2012). A organização genital infantil. In S. Freud, *Obras completas*. (P. C. Souza, Trad. Vol. 16, pp. 168-175). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Grosskurth, P. (1992). *O mundo e a obra de Melanie Klein*. (P. Rosas, Trad.). Imago.
- Guimarães, R. (1983). *Dicionário da Mitologia Grega*. Cultrix. São Paulo.
- Klein, M. (1996). Amor, culpa e reparação. In M. Klein, *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas*. (A. Cardoso, Trad., pp. 413-464). Imago. (Trabalho original publicado em 1945)
- Likierman, M. (1994). Significado clínico da experiência estética. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28(2), pp. ???.
- Martins, K. (2012). *O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas*. Taschen.
- Morgenstern, A. (2009). *Perseu, Medusa e Camille Claudel. Sobre a experiência de captura estética*. Ateliê.
- Perrini, C. (2015). Algumas considerações sobre a masculinidade e a feminilidade no interior da vida psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(4), 155-168.
- Perrini, C. (2017). Associações estéticas como representação do mundo mental sem palavras. *Ide – Psicanálise e Cultura*, 40(64), 247-256.
- Pontalis, J.-B. (2005). *Entre o sonho e a dor* (C. Berliner, Trad.). Ideias e Letras.
- Pontalis, J.-B.; Mango, E. G. (2013). *Freud com os escritores*. Três Estrelas.
- Sapienza, A. (2006). Psicanálise e estética: ressignificação de conflitos psicóticos e reciprocidade criativa. *Ide – Psicanálise e Cultura*, 29(42), 23-28.
- Veloso, C. (1982). *Meu bem, meu mal*. Gravada por Gal Costa. Polygram.
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 38-53). Artmed. (Trabalho original publicado em 1960)

Cleuza Mara Lourenço Perrini
cleuzaperrini@gmail.com

Recebido em: 10/2/2020

Aceito em: 8/5/2020